



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA

CLISSIA DE KÁSSIA NUNES LOBATO

**A vida da criança na década de 1960, no município de Abaetetuba/PA:
aspectos familiares, educativos e culturais**

ABAETETUBA/PA

2023

CLISSIA DE KÁSSIA NUNES LOBATO

**A vida da criança na década de 1960, no município de Abaetetuba/PA:
aspectos familiares, educativos e culturais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge

ABAETETUBA/PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

L796 Lobato, Clíssia de Kássia Nunes.
A vida da criança na década de 1960, no município de
Abaetetuba/PA: aspectos familiares, educativos e culturais /
Clíssia de Kássia Nunes Lobato. — 2023.
26 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge Trabalho de
Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, , , Abaetetuba, 2023.

1. Década de 60. 2. Criança . 3. Infância . I. Título.

CDD 300

CLISSIA DE KÁSSIA NUNES LOBATO

Banca Examinadora

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge Orientadora - UFPA

Profa. Msc. Maria de Jesus Ferreira Ferreira – SEDUC-PA

Profa. Msc. Magali Pinto Gouvea - UNAMA

A vida da criança na década de 1960, no município de Abaetetuba/PA: aspectos familiares, educativos e culturais

Clíssia de Kássia Nunes Lobato¹
Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge²

Resumo

O presente artigo aborda a vida de crianças na década de 60, no município de Abaetetuba/PA, a fim de compreender os desafios e experiências vivenciados nesse período e sua relevância na atualidade. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, embasada em estudos bibliográficos em autores, tais como Ariès (1981), Kuhlmann (2010) e Del Priore (1991), que discutem amplamente sobre a infância e o universo infantil. Além disso, também foi realizada a coleta de dados empíricos, por meio de entrevistas com moradores da cidade de Abaetetuba. Os resultados do estudo permitem inferir que as condições de vida das crianças na década de 60 eram notavelmente diferentes em comparação com o contexto atual. No aspecto educacional, verificou-se que era limitada a disponibilidade de escolas, e o sistema educacional se baseava em um modelo tradicional, no qual o uso de castigos físicos era comum como forma de disciplina dos alunos. No âmbito cultural, as crianças conviviam com diversas manifestações culturais, tais como festivais, eventos comunitários e celebrações religiosas, que desempenhavam um papel significativo em seu cotidiano. Quanto à esfera familiar, predominava o modelo tradicional de família, com suas características particulares.

Palavras-chave: Década de 60. Criança. Infância.

Introdução

O estudo focaliza a vida de crianças nos anos 60 no município de Abaetetuba, visando compreender e descrever a condição do viver nos aspectos familiar, educativo e cultural dessa época. O sentido da condição de vida das crianças se refere ao conjunto de circunstâncias sociais, econômicas, culturais e ambientais que

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará.

² Doutora em Ciências Sociais. Docente da UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba (PA).

influenciavam sua qualidade de vida, bem viver e oportunidades de desenvolvimento humano.

Bourdieu (2003) desenvolveu o conceito de “habitus”, que se refere a um conjunto de disposições duradouras adquiridas pelos indivíduos através de sua experiência social. O habitus é moldado pelas condições de vida em que as pessoas estão inseridas, incluindo fatores como classe social, educação, acesso a recursos, entre outros. Portanto, o objeto do estudo abrange a condição de vida das crianças nos anos 60 em Abaetetuba, o que perpassa pelo habitus e pelas estruturas sociais presentes na época.

Os anos 60 pode ser caracterizado por condicionantes sociais, políticos e culturais que influenciaram a vida das pessoas. Nesse período, a infância era vivida de forma bastante distinta em comparação com os dias atuais, sendo influenciada por fatores como a economia, a cultura e as tradições locais (DEL PRIORE, 1991).

A vida das crianças em Abaetetuba era caracterizada por uma série de particularidades que moldavam suas experiências e desenvolvimento humano como cultura, ambiente geográfico, condições socioeconômicas e acesso a serviços básicos. Desde a rotina diária até às atividades de lazer, as crianças da década experimentavam um contexto social único, fortemente influenciado pela ruralidade da cidade, e em interface com outros aspectos como a natureza. Sobre a ruralidade Carneiro (1998, p. 61) diz que:

[...] pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local, mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade.

Neste trabalho, explora-se alguns aspectos que compunham a infância nessa década, revelando um retrato da vida infantil.

A escolha por esta temática decorre da curiosidade da autora em compreender a vivência da criança nesse tempo cultural e histórico dos anos 60, sem contar na escassez de estudos que evoque o tema, no período assinalado. Assim, este artigo propõe-se a refletir sobre as condições de vida das crianças na/da década de 60 visando compreender os desafios e experiências enfrentados por elas naquele

período e que reflete a vida social na atualidade. Através dessa reflexão, busca-se obter uma visão mais abrangente sobre as condições de vida e da infância da época, levando em consideração fatores familiares, lúdicos/culturais e educativos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica e de cunho empírico. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica tem por objetivo levantar referências teóricas já analisadas e publicadas, como artigos científicos, materiais em sites e livros, permitindo ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre aquele assunto, recolhendo informações relevantes para uma reflexão sobre o tema, elencando determinadas questões que serão importantes ao estudo. Assim, neste trabalho, foram utilizados autores como Ariès (1981), Kuhlmann (2010) e Del Priore (1991), entre outros que discutem sobre a infância e a criança. Esses autores fornecem embasamento teórico e contribuem para a fundamentação do assunto abordado, devido à originalidade e à relevância dos seus estudos. Eles contribuíram para a construção de uma abordagem mais complexa e contextualizada da temática criança-infância.

A pesquisa empírica ou estudo de campo, ainda segundo Gil (2008), procura o aprofundamento de uma realidade específica. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas computando relatos orais com três moradoras de Abaetetuba que viveram suas infâncias na década de 60, como participantes da pesquisa, visando explorar suas memórias da vida infantil nesta década. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, permitindo uma abordagem flexível e aprofundada, possibilitando que as participantes expressassem suas experiências, percepções e opiniões de forma ampla. A seleção das participantes considerou a relevância para o estudo.

O viver infantil era caracterizado por brincadeiras simples e a interação social intensa. As brincadeiras eram predominantemente ao ar livre e envolviam atividades como pega-pega, esconde-esconde. Os sujeitos crianças costumavam brincar em grupos, formando amizades próximas com os vizinhos. A família era um pilar importante na vida das crianças, e os laços entre irmãos e primos eram valorizados. As crianças vivam em ambientes mais tranquilos e em mediação com a natureza.

Ainda, foi assegurada a ética da pesquisa, obtendo-se consentimento das participantes e preservando o anonimato, assim os dados foram armazenados de maneira segura, garantindo a confidencialidade às participantes.

O artigo está estruturado nesta Introdução, após uma contextualização da década de 60 na cidade de Abaetetuba-Pa, mais o enfoque principal, as crianças em sua condição infantil nos aspectos educativo, familiar e cultural.

Contextualizando a década de 1960 em Abaetetuba

Na década de 1960, a cidade passava por um período de desenvolvimento e crescimento como infraestrutura, comércio e população, embora ainda mantivesse características de uma típica cidade do interior. Domingues e Gontijo (2021, p. 16) propõem aqui que “a interioridade seja definida como o conjunto de elementos socioculturais atribuídos à ruralidade e à etnicidade (e eventualmente a outros marcadores sociais) operando simultaneamente à urbanidade (entendida como o conjunto das identidades e atributos urbanos)”.

A economia de Abaetetuba na época era baseada principalmente na agricultura e pecuária. A região possuía extensas áreas de terra fértil, propícias para o cultivo de alimentos como mandioca, arroz, feijão, milho e frutas tropicais. Segundo Bastos (2010, p. 01): “Os estudos realizados, a partir do Censo Agropecuário de 2006, demonstram que a agricultura familiar é responsável, no estado do Pará, por 84% da produção de arroz e 69% de milho. Além disso, 82% do café arábica e 83% do feijão”.

O comércio local era concentrado no centro da cidade, onde se encontravam lojas, mercados e pequenos estabelecimentos comerciais. Abaetetuba também preservava características, como já disse, de cidade interiorana, com ruas de terra e uma arquitetura marcada por casas simples e construções em madeira.

A figura 01 mostra, casas de madeira de estilo tradicional, essas casas parecem ser o lar de famílias que construía uma comunidade próxima e acolhedora. Em primeiro plano, vemos duas meninas conversando despreocupadas na rua de aterro. Suas roupas típicas da época refletem a inocência e a simplicidade da infância dos anos 60. Uma das meninas usa um vestido florido, enquanto a outra veste uma calça e uma blusa.

Ao fundo da imagem, avistamos um cenário natural, com árvores altas e frondosas. Trata-se do cenário de uma época em que a natureza ainda desempenhava um papel central nas brincadeiras e na ludicidade infantil, onde a imaginação e a fantasia se misturavam com a realidade.

No conjunto, essa imagem dos anos 60 evoca uma atmosfera de simplicidade, comunidade e ligação com a natureza. É uma janela para um tempo passado, onde

as crianças podiam brincar tranquilamente nas ruas e a vida era moldada pelos laços sociais e pela beleza natural que as cercava.

Figura 01- A cidade nos anos 60



Fonte: Fotoclube Abaetetuba PA ³

Na década de 60, a cidade vivenciou importantes transformações sociais e políticas. Foi um período marcado por intensa mobilização popular, movimentos sociais e lutas por direitos, são exemplos, o movimento pela reforma agrária e de resistência à ditadura militar. A população buscava melhores condições de trabalho, acesso à saúde, educação e moradia. Buscavam cultura e lazer. Esse contexto de mobilização e reivindicações contribuiu para o fortalecimento da sociedade civil e o surgimento de lideranças locais engajadas na defesa dos interesses das pessoas de uma comunidade.

No campo educacional, a disponibilidade de escolas na cidade de Abaetetuba ainda era limitada nos anos 60, onde a educação básica esteve centrada em habilidades de leitura, escrita, matemática e conhecimentos gerais. O ensino era tradicional e baseado na disciplina, com a conhecida palmatória e outros castigos físicos, aplicados aos alunos e, com apoio dos pais. Desse modo, a criança desamparada não tinha para quem lamentar-se. Os pais e os professores mais rudes e rigorosos eram considerados os melhores e mais conscientes educadores. Conhecer a tabuada de cor, por exemplo, era obrigação do aluno e ponto crucial do professor, não só a tabuada que o aluno deveria saber, mas todas as demais matérias.

A fala que segue é emblemática dessa questão:

Primeiro tinha cartilha... era assim e eu não estudava, quando eu ia na escola que era hora da tabuada vinha com a mão doída de tanto pegar bolo, perguntavam quanto era tanto? E eu não respondia... lá vai o bolo na mão,

³ Disponível em: <https://m.facebook.com> Acesso em: 17 abr. 2023

não é como agora né? (Raimunda Quaresma, entrevista realizada em maio de 2023).

Esse relato descreve uma situação negativa de aprendizado na infância, ao mencionar o fato de a mão doer de tanto “pegar bolo” indicando a punição com alguma forma de castigo físico, como palmadas, quando não conseguia responder corretamente. Exemplifica o ambiente de aprendizado negativo, no qual a pressão e a punição podem ter contribuído para a falta de motivação e o medo de errar.

Ainda, nesse período a vida social e cultural em Abaetetuba era marcada pela religiosidade e pelas festas tradicionais. A população era majoritariamente católica, e a igreja desempenhava um papel central na vida comunitária. As festas religiosas, como as procissões e as festividades em homenagem a santos padroeiros eram momentos importantes de celebração e devoção. Além de ser o momento de lazer das crianças e das famílias.

Infâncias e crianças

Neste tópico, a ênfase recai no conceito de infância e na realidade das crianças na cidade de Abaetetuba no período assinalado. Vale ressaltar que há diferença entre essas concepções, infância diz respeito a um tempo, uma fase da vida que compreende a etapa do desenvolvimento humano, desde o nascimento até a adolescência, e a criança é sujeito histórico, social e cultural (Kuhlmann, 2010).

Ariès (1981) demonstra como as atitudes em relação à infância variam ao longo da história, desde uma visão mais adultizada e restritiva no passado até como uma fase especial e separada da vida.

Já Kuhlmann (2010) aborda a evolução das práticas educativas e das instituições voltadas para a infância ao longo dos séculos. Ele analisa a relação entre a infância e a sociedade, destacando as mudanças nas normas sociais e nas estruturas institucionais que moldaram as experiências infantis.

Del Priore (1991), investiga a infância na sociedade brasileira do século XIX, examinando aspectos como os brinquedos, a educação. Del Priore explora como as ideias e valores culturais da época influenciaram a experiência e a construção social da infância no contexto brasileiro. Ela destaca a importância de considerar as especificidades históricas e culturais de um determinado contexto para compreender as representações e vivências infantis.

Ariès(1981), Kuhlmann (2010) e Del Priore (1991) são autores renomados que contribuíram significativamente para o estudo acerca da criança e da infância na sociedade. Cada um deles apresenta uma perspectiva distinta sobre o tema, trazendo percepções para a compreensão das transformações dos sujeitos crianças em sua condição de ser infantil.

Ariès (1981)⁴ aborda a concepção da infância ao longo dos séculos, explorando as mudanças nas atitudes e nos papéis atribuídos às crianças ao longo do tempo. Ele argumenta que a noção moderna de infância como uma fase distinta e separada da vida adulta é uma construção social relativamente recente. O autor, ainda, argumenta que na idade média e no início da idade moderna, as crianças eram vistas como miniaturas dos adultos e eram tratadas como tal. Elas eram consideradas membros da comunidade desde cedo e assumiam responsabilidades de acordo com suas habilidades e desenvolvimento físico. A infância não era vista como uma fase de inocência ou fragilidade, mas sim como uma preparação para a vida adulta.

Kuhlmann (2010)⁵ diz que:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre essa fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las como produtoras de história (p. 30).

O autor com muita propriedade, destaca a importância de considerar a infância como uma condição específica da criança. Ele argumenta que as experiências vividas pelas crianças em diferentes contextos históricos, geográficos e sociais não são meras representações dos adultos sobre essa fase da vida, ao contrário, é a própria realidade concreta vivenciada pelas crianças.

O autor enfatiza a necessidade de compreender as representações culturais e sociais da infância, ou seja, como a sociedade concebe a infância em diferentes épocas e lugares, implicando reconhecer diferentes visões, valores e normas que moldam a concepção de infância em determinada sociedade. Além disso, destaca também a importância de considerar as crianças de história. Ou seja, as crianças são sujeitos ativos, logo, são seres de vozes, possuem valor e, reconhecer isto é tomá-las

⁴ Philippe Ariès, consagrou-se como historiador francês, por suas contribuições ao campo da história social e cultural, especialmente, em relação à história da infância.

⁵ Moysés Kuhlmann Jr é brasileiro e atua como pesquisador. Têm experiência na área de História da Educação, com publicações relacionadas aos seguintes temas: historiografia da educação, história da infância, educação infantil, circulação de ideias educacionais.

não apenas como sujeitos passivos e receptores das experiências dos adultos, mas que possuem capacidades de criar, agir e influenciar o mundo ao seu redor. Em síntese, o autor defende a necessidade de entender a infância como uma condição específica das crianças, levando em consideração suas vivências concretas, o que se pensa sobre a infância e o papel ativo das crianças na construção da história.

Segundo Del Priore (1991, p. 104)⁶ “Pouco a pouco, a educação e a medicina vão burilando as crianças do Brasil colonial. Mais do que lutar pela sua sobrevivência, tarefa que educadores e médicos compartilhavam com os pais, procurava-se adestrar a criança, preparando-a para assumir responsabilidades”. Nesse contexto, é notório que não se limitavam apenas a cuidar da saúde física das crianças, havia uma preocupação com o desenvolvimento de habilidades, comportamentos e conhecimentos necessários para que elas se tornassem membros produtivos e responsáveis da sociedade. Essa educação abrangia aspectos práticos, como ensinar habilidades básicas bem como os morais e sociais, de ensinar valores e preparar as crianças para seus futuros papéis na sociedade.

Como já dito, os autores têm enfoques distintos e há convergências em suas ideias. Todos eles concordam que a concepção de infância e que as práticas relacionadas as crianças evoluíram ao longo da história. Eles reconhecem a existência de condicionantes significativos e percebidos em diferentes épocas e contextos culturais. Além disso, os autores enfatizam a importância da educação e do cuidado com as crianças. De que as crianças são seres ativos na sociedade.

Mas existem divergências nas ideias dos autores. Ariès destaca a visão de que a infância como a conhecemos hoje é uma invenção moderna, enquanto Kuhlmann e Del Priore analisam a história da infância em contextos específicos. Além disso, os autores têm abordagens metodológicas específicas e se concentram em aspectos distintos da história da infância.

Ariès, Kuhlmann e Del Priore compartilham uma preocupação com a história da infância e reconhecem a importância de entender como a concepção de infância evoluiu ao longo do tempo. No entanto, suas abordagens e ênfases são distintas, o que resulta em divergências em relação a certos aspectos e períodos históricos.

⁶ Mary Del Priore é uma renomada historiadora brasileira, conhecida por suas contribuições para a história social e cultural do Brasil, abordando temas como a vida cotidiana, a família, a sexualidade e a infância.

De um modo mais prático, as crianças vivem suas infâncias em condições próprias, embora possa haver aproximações. O que se confirma na fala de uma das entrevistadas quando diz “Que eu lembro a infância nesse tempo era uma mistura de inocência, responsabilidade e, também diversão. As crianças aprendiam valores como o respeito aos mais velhos, solidariedade” (Maria Cardoso, entrevista realizada em maio de 2023).

Na fala, a referência à inocência sugere que as crianças eram vistas como ingênuas e livres das preocupações e problemas da vida adulta. Ao mesmo tempo, a responsabilidade remetia, talvez, que as crianças também tinham tarefas e obrigações a cumprir, relacionadas ao seu contexto familiar bem como a diversão também fazia parte dessa época, implicando que as crianças tinham tempo para brincar e se divertir. Que desde cedo e na história infantil as crianças buscavam brechas para viverem seus mundos. Ainda, é destacado os valores transmitidos durante a infância, como o respeito aos mais velhos, indicando a importância de tratar os mais experientes com consideração e respeito.

De modo geral, era uma infância no padrão da época, no qual as crianças aprendiam valores essenciais e, ao mesmo tempo, desfrutavam de momentos de diversão e de brincar. No entanto, é importante ressaltar que as experiências de infância podem variar, pois nem todas as crianças em Abaetetuba tinham as mesmas oportunidades e vivências, e algumas enfrentavam desafios e dificuldades específicas a depender de seu contexto econômico e familiar. Tal assertiva, pode ser exemplificada, a partir da outra entrevistada, Raimunda Quaresma, que diz: “não tive infância, eu nunca soube o que foi brincar, minha mãe morreu, ela deixou meu irmão mais uma criança com 12 dias de nascido. Eu que fiquei perambulando com ele. Então, nunca soube o que foi uma brincadeira, o meu tempo era só trabalhar”. (Raimunda Quaresma, entrevista realizada em maio de 2023).

A fala de Raimunda expressa a inexistência de infância, evidenciando não desfrutar das atividades de diversão e da brincadeira associadas a essa fase da vida. A morte da sua mãe resultou na condição de ter que assumir a responsabilidade de cuidar de seu irmão recém-nascido desde muito cedo. Isso a impediu de brincar e de viver sua infância, até porque nesse momento histórico a dimensão infantil não era vista como uma condição da criança conforme assevera Kuhlmann (2010). Em vez disso, ela teve que trabalhar e se ocupar de cuidar de seu irmão, o que consumiu grande parte do seu tempo e de sua vida de menina.

Como já dito, nesse tempo também se brincava. As brincadeiras eram simples e envolviam atividades ao ar livre, como brincar de boneca, jogar bola, de esconde-esconde e de casinha. As crianças tinham liberdade para explorar o ambiente ao seu redor e interagir com outras crianças da mesma idade. Tal assertiva se confirma na fala de Dona Raimunda quando diz “tinha brincadeira, brincava com boneca, brincava de casinha, de se esconder”.

A colaboradora do estudo, menciona brincadeiras populares da década de 60. Afirma que naquela época existiam diversas formas que as crianças costumavam desfrutar do tempo de criança. Ao mencionar que "brincava com boneca", ela está se referindo ao brinquedo e um brincar típico entre as meninas da época. Essa brincadeira envolvia criar histórias e situações imaginárias com as bonecas.

As bonecas eram feitas principalmente de tecido, enchimento e outros materiais, os tecidos mais comumente usados eram algodão, flanela ou chita. Eles podiam ser estampados ou lisos, dependendo do estilo desejado para a boneca. As partes do corpo da boneca eram costuradas à mão ou à máquina de costura. A cabeça era costurada por partes e depois fixada ao tronco. Após montar as partes do corpo, a boneca virada do avesso e com material de enchimento (algodão ou os próprios retalhos do tecido) ganhava forma, e os detalhes finais eram adicionados. O que incluía bordar o rosto da boneca, boca e nariz. O cabelo também poderia ser costurado ou colado na cabeça da boneca. As bonecas de pano geralmente eram vestidas com roupas costuradas à mão.

No relato a entrevistada diz que “tinha uma mulher que fazia, ela costurava, fazia de todo tamanho, todo tipo. Ela fazia até com cabelo, com olho, braço, perna, a barriga. Enchia todo o corpo de algodão, cortava os panos e ia enchendo, ficava bonito, eu tinha um tempo desse uma boneca dessa” (Raimunda Quaresma, entrevista realizada em maio de 2023).

A expressão "brincava de casinha" se refere à brincadeira em que as crianças simulavam situações familiares, como ter uma casa, interpretar diferentes papéis (como mãe, pai, filhos) e desempenhar atividades cotidianas dentro desse contexto.

Brincar de casinha é uma atividade lúdica praticada por crianças. Embora as brincadeiras e os interesses das crianças tenham evoluído com o tempo, o brincar de casinha tem seu lugar na contemporaneidade. Constitui-se esse brincar uma oportunidade de as crianças explorarem o mundo de forma imaginativa e criativa.

O "brincava de se esconder" indica a prática do jogo de esconde-esconde, em que uma pessoa se esconde e as outras devem procurá-la. Esse jogo estimula a interação social, além de desenvolver habilidades corporais e de percepção espacial pelas crianças. No geral, a fala de Dona Raimunda destaca que na década de 60 havia uma variedade de brincadeiras populares que envolviam o uso da imaginação, a criação e o desenvolvimento de habilidades corporais específicas nas crianças.

Outra entrevistada diz que "geralmente era no quintal as brincadeiras e aconteciam lá pelas três horas. Pular corda, brincar de casinha, pira esconde, brincava de roda" (Domingas da Conceição, entrevista realizada em maio de 2023).

Em síntese, a infância nessa época era marcada por uma mistura de responsabilidades e de momentos de diversão. As crianças aprendiam a lidar com as expectativas da sociedade e a desenvolver habilidades para a vida adulta, ao mesmo tempo, em que desfrutavam das brincadeiras e da convivência com seus pares.

Trazendo nosso lócus de análise, a cidade de Abaetetuba, podemos dizer que a compreensão da infância nos anos 60 era fortemente influenciada pelas tradições e valores culturais da região. A infância era vista como uma fase de aprendizado e preparação para a vida adulta, com ênfase a socialização, a obediência aos mais velhos e a transmissão de conhecimentos tradicionais. As crianças eram consideradas parte integrante da família e da comunidade, com responsabilidades nem sempre próprias de criança, ao mesmo tempo, desde esse tempo também resistiam com suas brechas para desfrutar de momentos de brincadeiras e de lazer.

A cidade era predominantemente caracterizada por uma estrutura familiar tradicional, com ênfase a família nuclear. A família nuclear consistia em um casal casado e seus filhos, vivendo sob o mesmo teto. Geralmente, o homem era o provedor principal da família, enquanto a mulher desempenhava o papel de dona de casa e cuidadora dos filhos.

Era comum famílias numerosas, com vários filhos. Essas também tinham uma forte conexão comunitária e de laços familiares estendidos aos tios, tias, primos próximos desempenhando papéis importantes no cuidado e na educação das crianças. Biasoli-Alves (1997, p. 35) diz que:

É fato que as famílias ainda permanecem como a forma predominante da vida em grupo na maior parte das sociedades ocidentais (Gundelach, 1991), e que, nesse caso, cabe a elas serem o agente da socialização primária (Nicolacci-da-Costa, 1991), responsáveis pela determinação de como vão se dimensionar as práticas de educação da prole, os ambientes em que as

crianças vão viver, as formas e limites para as relações e interações entre avós, filhos, netos e o social mais amplo.

Nesse contexto, as famílias têm o papel fundamental de serem responsáveis pela socialização primária, ou seja, pela formação inicial das crianças. Isso significa que cabe às famílias determinarem como serão educados os filhos, o ambiente em que crescerão, as regras e os limites nas relações e interações entre diferentes membros da família, como avós, pais, filhos e, também, a socialização com o meio social.

A família e a comunidade desempenhavam um papel central na criação das crianças em Abaetetuba nos anos 60. A vida era organizada em torno de valores familiares, com grande importância atribuída aos laços familiares, o respeito pelos mais velhos e o cumprimento de tarefas domésticas. As crianças eram incentivadas a contribuir com as atividades familiares, como ajudar nas plantações, cuidar dos irmãos mais novos e auxiliar nas tarefas domésticas.

A condição educacional da criança na década de 60 em Abaetetuba, assim como em muitas outras partes do Brasil, era bastante precária. Naquela época, o acesso à educação escolar era limitado, especialmente em áreas rurais e pequenas cidades como Abaetetuba.

A educação escolar de caráter pública bem como a rede escolar não eram tão expansivas como é hoje. Existiam poucas escolas, e abarcava principalmente as áreas urbanas, logo, não abrangia a totalidade das crianças. Muitas famílias de baixa renda não tinham condições de garantir acesso à escola aos filhos, por outro lado, utilizavam das crianças nas atividades familiares como a agrícola visando contribuir com o sustento da família. Novamente recorreremos a explicação de dona Raimunda Quaresma como foi viver nesse tempo. “Uma como eu saí cedo, aprendi pouco, porque eu não tinha condição de eu estudar, porque eu não tinha apoio da família”.

A entrevistada afirmou sua rápida participação na escola com pouca oportunidade de aprendizado, decorrente das condições familiares de ordem financeira e a falta de apoio da família. A condição familiar limitou o estudo e a vida desde cedo voltada ao trabalho.

A educação infantil não era amplamente difundida naquela época, o que existia se limitava a alguns. A educação das crianças pequenas foi considerada uma questão privada, restrita a famílias privilegiadas Kuhlmann (2000). Até porque a educação escolar obrigatória e pública iniciava aos 7 anos de idade, no Ensino Fundamental que na época era chamado de ensino primário. Isso significava que as crianças pequenas

não tinham acesso à escola e, com isso, seus processos educativos ficavam limitados a educação não escolar, nos ditames da família e de outros convívios como o da igreja. Ainda, a educação escolar nessa fase crucial de suas vidas não existia aos filhos dos trabalhadores. É o que trata Maria Cardoso ao afirmar que:

Olha naquele tempo só pegavam o aluno de 7 anos pra cima, não como agora que com 4 anos tão pegando criança pra estudar. A escola tinha, só que eram poucas escolas, tinha ali o Basílio, o Comandante Germano, tinha lá na Francilândia a Laura Ribeiro. Tinha aqui o Vicente Maués, eram as escolas, mas não era grande assim como é, e tinha as das irmãs ali, o INSA.

O sistema educacional era baseado no modelo tradicional de ensino, com ênfase na transmissão de conhecimentos pelos professores e a memorização pelos alunos. As escolas geralmente seguiam uma estrutura hierárquica rígida, sem relação dialógica entre alunos e professores, e funcionando dentro de uma visão disciplinadora. As aulas eram conduzidas de forma autoritária e mecânica. A ênfase era colocada em disciplinas acadêmicas básicas, como matemática, ciências, língua portuguesa, história e geografia. Segundo Del Priore (1991, p. 63) “No aprendizado, apostava-se, principalmente, na sua memorização, e orgulhavam-se dos meninos que sabiam tudo de cor”.

Eram escolas cuja ação pedagógica era rígida em termos de disciplina e comportamento. Os alunos eram educados para serem disciplinados e obedientes, e quando era preciso utilizam as punições físicas, como palmatórias. A palmatória era um instrumento usado para bater nas mãos ou nas nádegas dos alunos como forma de punição por mau comportamento ou por erros cometidos. Nessa década usar a palmatória era normal, pelos pais e professores, representando todo o legado educacional tradicional. A palmatória era feita de madeira, geralmente tipo uma régua ou rolo grosso de madeira. Alguns professores tinham a sua palmatória, mas havia casos de a escola disponibilizar esse instrumento.

Quando um aluno cometia algum tipo de infração, como desobediência, indisciplina ou até mesmo baixo desempenho acadêmico, o/a professor/a poderia decidir aplicar a punição com a palmatória. Acontecia de o aluno ser chamado à frente da turma e recebia as palmadas na mão ou nas nádegas, a depender da condição do desagrado.

Essa prática de punição física era uma forma de disciplinar os alunos e ensinar-lhes valores como respeito à autoridade e obediência. Para Del Priore (1991, p. 97),

a palmatória era o instrumento de correção por excelência assim, “nem a falta de correção os deixe esquecer do respeito que devem conservar a quem os ensina”

Ainda, segundo esta autora (1991, p. 96):

A boa educação, para eles, implicava em castigos físicos e nas tradicionais palmadas. O castigo físico em crianças não era nenhuma novidade no cotidiano colonial. Introduzido, no século XVI, pelos padres jesuítas, para horror dos indígenas que desconheciam o ato de bater em crianças, a correção era vista como uma forma de amor.

Desse modo, a tradição ocidental, do dito “branco” a prática de castigos físicos era preciso no processo educativo, como uma forma de demonstrar amor e corrigir o comportamento das crianças. Portanto, a correção física era vista como um meio de educar com rigor e transmitir valores às crianças. Diferente da concepção dos indígenas, povos originários do nosso país.

Uma das entrevistadas, assim confirma “naquele tempo, eles castigavam a gente, quando a gente aprontava ou não sabia resposta do que perguntava, dava com aquela palmatória na mão, e isso doía” (Maria Cardoso, entrevista realizada em maio de 2023).

No âmbito cultural de Abaetetuba, a cultura local sempre foi rica em tradições folclóricas, músicas, danças e festas populares. As crianças conviviam com essas expressões culturais sob a forma de festivais, eventos comunitários e celebrações religiosas. O folclore amazônico, com lendas e mitos, fazia parte do imaginário das crianças, sendo transmitido/socializado oralmente.

Nessa época, a vida na cidade era marcada por uma forte conexão com as tradições e a religiosidade. As crianças eram educadas pelos valores transmitidos por suas famílias, comunidades e escolas, cultivando o respeito pelos mais velhos, a valorização da fé e a importância da convivência comunitária. As festas populares, como o Círio de Nossa Senhora da Conceição, eram momentos de celebração intensa, onde a devoção e a alegria se mesclavam, proporcionando um senso de identidade e pertencimento para as crianças e suas famílias.

Nesse sentido, Scarano (1991, p. 126) diz que “Desde o tempo dos jesuítas se valorizava a participação de crianças nas cerimônias e nas festas religiosas como um meio de atraí-las/educá-las ao catolicismo”.

Tal prática buscava envolvê-las na religião desde cedo, utilizando as celebrações e festividades como uma forma de despertar o interesse e o envolvimento

delas na fé católica, e sob esta vertente inculcar valores de brincadeiras “corretas”, comportamentos “aceitáveis”, corpos “educados”, pessoas educadas.

Sobre este aspecto as considerações de Del Priore (1991, p. 95) são pertinentes. Afirma a autora “O batismo consistia a não somente num rito de purificação e de promessa de fidelidade ao credo católico, mas uma forma de dar solenidade à entrada da criança nas estruturas familiares e sociais”. Assim, ao batizar uma criança, os pais estavam formalmente introduzindo-a à comunidade religiosa e declarando sua adesão à fé católica. Era uma forma de compromisso e de promessa de criar a criança dentro dos princípios e ensinamentos da Igreja Católica.

Além disso, o batismo também era visto como um evento solene que marcava a entrada da criança nas estruturas familiares e sociais mais amplas. Era uma ocasião para reunir familiares e amigos, compartilhar a alegria da chegada da criança e celebrar seu nascimento e integração na comunidade. Dessa forma, o batismo não era apenas um ritual religioso, mas também uma cerimônia que tinha um papel na construção das relações familiares e no estabelecimento da identidade social da criança. Era um evento significativo que envolvia tanto aspectos religiosos como sociais, reforçando os laços entre a família, a comunidade religiosa e a sociedade em geral.

Houve nesta década um modo de educar ancorado no padrão religioso, na verdade cristã. Abordagem comum devido a religião desempenhar um papel central na sociedade e influenciava a vida das pessoas. A verdade cristã prevalecia, e a educação seguia os princípios e ensinamentos dessa fé.

Esta educação, dentro da doutrina religiosa enfatizava a obediência, o respeito às autoridades religiosas e situava-se em conformidade com as normas e valores estabelecidos pela doutrina cristã. A moralidade, a ética e a conduta adequada baseavam-se nos princípios cristãos, e as crianças eram ensinadas a seguir essas diretrizes em todas as esferas de suas vidas.

Na figura 02, podemos ver várias crianças, todas elas meninas, reunidas em uma congregação católica, indicando que as crianças estão em um ambiente religioso. Elas estão participando de alguma atividade relacionada à fé, como uma missa ou uma aula de catequese. Vemos em uma das janelas a figura de uma madre. A madre é uma freira que ocupa uma posição de autoridade dentro da ordem religiosa.

Essa imagem representa a conexão entre a infância e a religiosidade. A presença das crianças mostra que elas eram introduzidas aos ensinamentos e rituais da fé católica desde cedo.

Figura 02- As crianças



Fonte: Fotoclube Abaetetuba PA⁷.

Além das práticas religiosas, a criança estava imersa em uma série de tradições culturais locais, cuja religiosidade se mesclava a esse tom cultural. As lendas e mitos amazônicos faziam parte do imaginário infantil. As crianças ouviam histórias de seres mágicos e fantásticos, como o boto cor-de-rosa e a cobra grande, esta última, inclusive, constitui-se uma lenda típica da cidade. Dessa forma, tais histórias amazônicas despertavam a imaginação e a curiosidade das crianças na sua condição de infância. Essas histórias eram transmitidas oralmente, passando de geração em geração, e contribuíam para a formação da identidade cultural das crianças, conectando-as com suas raízes e tradições.

Segundo Del Priore (2013) as narrativas populares, lendas e mitos fazem parte do imaginário coletivo e contribuem para a formação da identidade cultural das crianças e para a manutenção das tradições de determinada comunidade.

É importante destacar que essas tradições culturais não se limitavam apenas às práticas religiosas, mas também abrangiam elementos folclóricos presentes na

⁷ Disponível em: <https://m.facebook.com> Acesso em: 27 mar. 2023

cultura local. Pode-se concluir que as histórias amazônicas desempenham um papel significativo na formação da identidade cultural das crianças, fortalecendo os laços com suas raízes e tradições, e enriquecendo seu repertório cultural.

Por outro lado, a escola desempenhava um papel importante na formação cultural e educacional das crianças. Embora o sistema educacional da época fosse de caráter disciplinador, de acesso a poucos, as escolas existentes desempenhavam um papel fundamental na transmissão dos conhecimentos e valores culturais locais. Com a ressalva, de que abrangia apenas crianças a partir dos 07 anos.

No geral, as crianças pequenas não frequentavam a escola. O sistema educacional da época era restrito e direcionado principalmente para crianças a partir dos 07 anos de idade como já dito aqui. Portanto, as crianças mais novas, com idade pré-escolar, não tinham acesso formal à educação. O que não significa que as crianças pequenas não tivessem oportunidades de aprendizado.

A educação nessa faixa etária era predominantemente realizada no ambiente familiar e comunitário. As crianças aprendiam com seus pais, irmãos mais velhos, parentes e vizinhos. Eles absorviam conhecimentos e valores culturais por meio de interações sociais, brincadeiras, histórias transmitidas oralmente e a observação do cotidiano. Da participação na igreja.

A educação pré-escolar como a conhecemos hoje, com instituições dedicadas a essa faixa etária, não era prioridade e pública naquela época. Portanto, o aprendizado formal começava mesmo a partir dos 07 anos, quando as crianças ingressavam na escola primária.

Em suma, a criança em Abaetetuba na década de 60 vivenciava uma condição cultural rica e diversificada. Ela era exposta a tradições folclóricas, músicas, danças e festas populares, enraizadas na cultura local. Além disso, a educação familiar, com ênfase nos valores tradicionais, e a participação nas práticas religiosas contribuíam para a formação de sua identidade cultural e social, fortalecendo os laços comunitários e promovendo o desenvolvimento de um senso de pertencimento à sua região.

Considerações Finais

O estudo tratou do viver das crianças na década de 60 visando compreender os desafios e experiências enfrentados por elas no período.

Nesse sentido, este rápido aprofundamento e reflexão, proporcionou um olhar detalhado sobre a condição de vida das crianças nos anos 60 no município de

Abaetetuba. A tentativa foi olhar aspectos educativos, culturais e familiares, sendo possível compreender melhor as experiências vivenciadas pelas crianças naquela época.

Ficou evidente que a condição da criança em sua infância nos anos 60 era vivida de forma distinta em comparação com os dias atuais. As crianças eram influenciadas por uma série de fatores, desde a economia, passando pela cultura local até as tradições e o ambiente geográfico. A ruralidade desempenhava um papel significativo na vida das crianças, proporcionando uma conexão íntima com a natureza e influenciando suas atividades de lazer. No caso do lócus de reflexão, Abaetetuba, pode-se dizer que a cidade era mais rural e, menos, urbanizada do que é atualmente. Dessa forma, é possível afirmar que o viver da criança em Abaetetuba naquela época era bem mais influenciada pela ruralidade.

No âmbito educacional, verificamos que o acesso era limitado, com um ensino tradicional baseado numa vertente disciplinadora e com a presença de punições físicas. A boa educação acarretava castigos físicos (DEL PRIORE, 1991). Esta rigorosidade reflete a mentalidade da época, na qual a pressão e a punição eram consideradas métodos eficazes de ensino. Resvalou, termos ainda hoje, relatos de experiências negativas, nas quais a pressão excessiva e a punição física levaram a uma vida infantil sem infância em plenitude, além do ambiente familiar e escolar como experiências negativas. E, negadoras, do ser criança.

As crianças de Abaetetuba, no tocante a vida social e cultural esteve cercada pela religiosidade e pelas festas tradicionais. A igreja desempenhava um papel central na vida comunitária, e as festividades religiosas eram momentos importantes de celebração e devoção, tanto para as crianças quanto para as famílias. Ainda hoje, o Círio de Nossa Senhora da Conceição é um evento dessa natureza, que atrai os fiéis e, também, turistas interessados em conhecer e vivenciar essa manifestação cultural e religiosa única. É uma ocasião de devoção, fé, alegria e celebração da religiosidade popular amazônica.

O círio é um momento significativo para as crianças. Elas participam ativamente das celebrações, seja como coroinhas, ajudando nos rituais religioso, seja como fiéis, acompanhando suas famílias. Assim aprendiam sobre a importância dessas festas, tanto do ponto de vista religioso quanto cultural, e são incentivadas a demonstrar devoção e respeito. Durante o círio e outras festas tradicionais, as crianças experimentavam uma atmosfera de fervor religioso, alegria e celebração coletiva. Elas

apreciavam a devoção dos adultos, os cânticos, as procissões e todo o conjunto de rituais que compõem essas manifestações. Era uma oportunidade de as crianças participarem da comunidade, compartilhando valores e tradições com outras pessoas.

Outra ação cultural era as festas, estas envolviam as crianças em celebrações que unem a cultura popular e a religiosidade. Durante o mês de junho, as escolas e as comunidades organizam festas com danças típicas, comidas e atividades lúdicas. As crianças participavam ativamente, aprendendo coreografias, com vestimentas apropriadas para a ocasião. Esses exemplos ilustram como a vida sociocultural das crianças de Abaetetuba está imersa na religiosidade e na cultura popular a partir das festas tradicionais. Através da participação nessas atividades, as crianças aprendem valores religiosos, fortalecem suas identidades culturais e desenvolvem laços de convivência comunitária e entre pares infantis.

Nessa época, a comunidade era mais coletivizada impulsionando as crianças usufruírem das ruas, praças e quintais das casas em suas brincadeiras e recreações. As brincadeiras eram geralmente realizadas ao ar livre e envolviam grupos de crianças de diferentes idades. Havia uma forte tradição de jogos populares, como pega-pega, esconde-esconde, brincadeira de roda. Essas brincadeiras promoviam a socialização das crianças. Nesse sentido, as brincadeiras infantis são uma expressão da sociabilidade humana que desempenha um papel crucial na sua formação. A socialização por meio das brincadeiras contribui para o desenvolvimento humano de modo unilateral, fortalece os laços comunitários e saberes culturais (DEL PRIORE, 1991).

Além dos jogos populares, as crianças também aprendiam brincando atividades relacionadas às tarefas cotidianas da comunidade. Por exemplo, as meninas costumavam brincar de casinha, imitando as atividades domésticas, como cozinhar, cuidar de bonecas e arrumar a casa. Já os meninos brincavam de construir coisas, utilizando materiais disponíveis, como gravetos, pedras e folhas. Del Priore (1991) ressalta que, nas comunidades tradicionais, as brincadeiras das crianças muitas vezes refletiam as atividades e os papéis sociais desempenhados pelos adultos.

Outra forma de aprendizado comunitário, na década de 60 em Abaetetuba era por meio das festividades locais. A cidade era conhecida por suas festas tradicionais, onde as crianças participavam ativamente. Elas aprendiam as músicas, danças e rituais, absorvendo a cultura e tradições da cidade e região (DEL PRIORE, 1991).

Pelo brincar havia a transmissão de valores e conhecimentos. Os mais velhos costumavam contar histórias, causos e lendas, além das brincadeiras comuns mencionadas, dessa forma se fazia circular a cultura, a oralidade como parte do processo educativo com sabedoria, convivência e ensinamentos na comunidade entre gerações. Podemos dizer que o brincar era uma parte essencial na vida das crianças e um importante meio de aprendizado comunitário. Através das brincadeiras, as crianças desenvolviam habilidades físicas, cognitivas e sociais, além de absorverem os valores e tradições da comunidade na qual estavam inseridas.

Nesse sentido, ao considerarmos a infância como uma condição específica da criança (KUHLMANN, 2010), e todo processo social, cultural e educativo das crianças que viveram nos anos 60, compreendemos melhor as representações culturais e sociais da infância em diferentes contextos históricos e geográficos. Para hoje, fica o valor potencial das crianças e reconhecê-las como sujeitos ativos na produção da história.

Ressaltamos que este estudo teve como base uma pesquisa qualitativa bibliográfica e de cunho empírico, utilizando relatos orais. Portanto, considera-se as muitas limitações para sua concretização, desde o tempo acadêmico, as fontes, as de ordem da própria abordagem associada ao próprio aprofundamento das questões que enredavam a temática.

Este estudo contribuiu para um maior entendimento das condições de vida das crianças nos anos 60 em Abaetetuba. Ao explorar os estudos existentes, as vozes de adultos em suas memórias infantis, pudemos ter uma visão mais abrangente sobre essa época e as experiências das crianças. Compreender o passado nos ajuda a refletir sobre o presente e a buscar caminhos para um futuro melhor, garantindo o bem viver e o desenvolvimento pleno das crianças.

A educação desde sempre desempenhou papel fundamental no desenvolvimento da pessoa, desde tenra idade. Assim, ao se voltar a tempos atrás tomando as experiências das crianças, podemos refletir sobre a condição outrora desses sujeitos e pensar alternativas de melhoria às práticas educacionais em vigor.

No contexto específico do estudo sobre a vida das crianças nos anos 60 em Abaetetuba, é possível problematizar acontecimentos, formas educativas e tradições culturais pondo em diálogo com proposições curriculares e de ensino, estas sensíveis às necessidades e contextos específicos das crianças. Ao analisar as condições de vida naquela época, em que as crianças tinham acesso limitado a recursos

educacionais e vivenciavam uma negação do ser criança, é importante refletir sobre como a pedagogia contemporânea pode buscar alternativas diferenciadas e inovadoras para garantir um acesso equitativo e uma educação de qualidade socialmente referenciada para as crianças de hoje.

Uma abordagem diferenciada poderia envolver a valorização das experiências e conhecimentos prévios das crianças, reconhecendo a importância de suas vivências e inserindo-as ativamente no processo de aprendizagem. Isso poderia ser feito por meio de práticas pedagógicas que promovam a participação ativa das crianças, incentivando o diálogo, a troca de ideias e a construção coletiva do conhecimento.

Além disso, é fundamental que a educação esteja sensível aos contextos específicos das crianças, considerando suas realidades sociais, culturais e familiares. Isso implica em desenvolver um currículo que dialogue com a cultura local, valorizando a diversidade e promovendo a inclusão de diferentes perspectivas e saberes.

Em resumo, a educação desempenha um papel importante na vida humana, logo nos interpela a compreender o passado e as experiências das crianças. De modo a atuar com presteza em práticas educacionais eficazes, para o desenvolvimento pleno das crianças no presente e no futuro.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BASTOS, A. P. V. et al. **Economia e sociedade na região do Tocantins, Pará**. UFPA, Papers do NAEA. Belém, n. 259, p.1-32, 2010

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança**. Temas psicol. [online]. 1997, vol.5, n.3, pp. 33-49. ISSN 1413-389X.

CARNEIRO, M. J. **Ruralidade: novas identidades em construção**. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 11, out. 1998.

DEL PRIORE, M. **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império**. In: DEL PRIORE, M. (Org.). História das crianças no Brasil. SP: Contexto, 1991.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013, 303 p.

DOMINGUES, R. C.; GONTIJO. **Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil.** Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/74075>. Acesso em: 17 maio. 2023.

KUHLMANN Jr. Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 2010.

KUHLMANN JR., Moysés. **Histórias da educação infantil brasileira.** Ver. Bras. Educ. [online]. 2000, n.14, pp.05-18. ISSN 1413-2478.

SCARANO, J. **Criança esquecida das Minas Gerais.** In: DEL PRIORE, M. (Org.). História das crianças no Brasil. SP: Contexto, 1991.